

Guerras *

Alfredo Veiga-Neto **

A guerra é o motor das instituições e da ordem: a paz, na menor de suas engrenagens, faz surdamente a guerra. (Foucault, 1999, p. 59)

É dura e perturbadora a frase que usei como epígrafe a este pequeno texto. Ao se afastar da “hipótese Reich” — o poder como repressão —, Michel Foucault opta pela “hipótese Nietzsche” — o poder como luta — e toma as relações de poder como imanentes e fundantes da vida. Aí são claras as afinidades do filósofo francês em relação ao filósofo alemão. Vale lembrar o famoso fragmento nietzschiano: “onde encontrei vida, encontrei vontade de poder” (Nietzsche, 1998, p. 45). Na sua esteira, Foucault (2001, p. 239) afirma: “uma sociedade sem relações de poder não pode ser senão uma abstração”.

Isso não significa entender o poder como “coisa”, mas sim como o nome que damos ao diferencial das ações que uns exercem em relação às ações dos outros. Eis aí uma primeira inversão foucaultiana que será útil para, logo adiante, compreendermos as diferentes formas que as guerras vêm assumindo nos dias de hoje.

Dentre as muitas outras inversões que Foucault fez ao longo de sua extensa produção intelectual, uma que é particularmente interessante — e que deriva da anterior — foi aquela que resultou de seus entendimentos acerca das relações entre a sociedade, o poder e a guerra. No curso que ministrou no inverno de 1976, no Collège de France, assim se expressou o filósofo: “a política é a guerra continuada por outros meios” (Foucault, 1999, p. 55). Indo na contramão de Clausewitz — que dedicou todo um alentado livro para demonstrar que “a política é a fonte da guerra” e que “todas as guerras podem ser consideradas como atos de política” (Clausewitz, 1979, p. 92) — Foucault viu, no caráter sempre diferencial e agônico das relações de poder, o fundo sobre o qual se move a sociedade. Desse modo, as relações sociais são antes, primordialmente, de enfrentamento, de luta, de combate, de guerra enfim.

Se, ao longo da Idade Média europeia, tais enfrentamentos espalhavam-se capilarmente pelo tecido social, com o fim das Guerras Civis e Religiosas do século XVI, o advento das lutas burguesas e a “invenção” dos Estados Modernos, a guerra é levada de dentro das fronteiras nacionais para fora de cada nação. Nasce, aí, a diferenciação entre *revolução* — interna ao Estado — e *guerra* — entre os Estados nacionais. Nasce, também aí, a diferenciação entre *ação policial* e *ação militar*, respectivamente, também, interna ao Estado e entre os Estados.

Nesse entendimento, a política — aí incluída a sua faceta externa ou extranacional, a diplomacia — é uma invenção derivada da guerra. Trata-se de uma invenção cada vez mais

amplificada, transformada e aperfeiçoada, sobretudo ao longo da Modernidade. A ideia geral é simples e eficiente: quanto melhor funcionar tal invenção, mais afastado estará o risco iminente da guerra “de fato”. Vem daí o mito de que a política é uma “coisa” e a guerra é o oposto dessa “coisa”. Mas o que há entre ambas é uma relação de imanência de uma na ou sobre a outra: imanência da luta na política, bem como em tudo o mais. Nesse sentido, Foucault diz que “em toda parte se está em luta [...], e a cada instante se vai da rebelião à dominação, da dominação à rebelião, e é toda essa agitação perpétua que gostaria de fazer aparecer”. (Foucault, 2003, p.232). É a luta que está no fundo, na base, no fundamento da política.

As considerações acima têm tudo a ver com o título deste texto. Seja para pensarmos a respeito de como a política é hoje praticada em nosso país ou mesmo entre todos os países, seja para pensarmos a respeito das diferentes formas que as guerras assumem na atualidade, o fato é que a janela epistemológica que Foucault nos oferece tem se mostrado assaz produtiva.

Aqui não é o caso de me estender sobre tais questões e nem eu me sinto com legitimidade teórica para tanto. Assim, vou me ater apenas a uma questão cujos desenvolvimentos e desdobramentos têm se revelado muito promissores e interessantes. Refiro-me às novas configurações que a guerra vem assumindo, mundo afora, nas últimas duas ou três décadas.

Numa engenhosa aproximação entre o pensamento de Marx e a perspectiva foucaultiana com a filosofia de Gilles Deleuze, um intelectual estado-unidense e seu colega italiano — respectivamente Michael Hardt e Antonio Negri — desenvolveram, no final da década de 1990, uma teoria a que chamaram de *Império* (Hardt, Negri, 2003; Negri, 2003). Naquilo que me interessa aqui comentar, Hardt e Negri nos fornecem elementos e argumentos sólidos para entendermos tanto as novas configurações da guerra quanto os papéis que ela desempenha. Assim, por exemplo, os conflitos internacionais apresentam um viés cada vez menos militar no sentido clássico, porém mais policial e de imposição das práticas culturais dos vencedores sobre os vencidos. E dado que as guerras contemporâneas parecem não buscar um vencedor final, talvez seja até melhor não falarmos em vencedores e vencidos, mas falarmos em “aqueles que estão vencendo” e “aqueles que estão sendo vencidos”.

Nas guerras tradicionais, a ordem invariavelmente surgia com o fim da guerra, por uma imposição dos vencedores sobre os vencidos. Nas palavras de Negri (2003, p. 188), “hoje, pelo contrário, a ordem não nasce do fim da guerra, mas através de uma promoção contínua de guerra. É por meio dessa ação permanente de guerra que se propõem e se aplicam as funções de disciplina e controle” dos que estão vencendo sobre os que estão sendo vencidos. É esse estado de coisas que garante a diminuição do risco representado pelos diferentes, os anormais, os outros, os delinquentes, os loucos etc.

E, nesse caso, o inimigo tem de ser inventado e, se preciso for, reinventado. Se ele for vencido, os vencedores têm de inventar outro(s) inimigo(s). No fundo e a rigor, os inimigos não são essas ou aquelas pessoas em si, mas a desordem que elas representam frente àquilo que os do outro lado consideram ser a ordem.

Não se trata tanto de fazer conquistas territoriais e, muitas vezes, nem mesmo de conquistas econômicas; mas se trata, mormente, de moldar as mentes, os espíritos, as almas, as subjetividades dos outros, dos inimigos. Se colocarmos as práticas religiosas, artísticas e sociais em geral sob o guarda-chuva da palavra cultura, estamos diante de guerras culturais. E se colocarmos sob a qualificação de racistas todas as práticas de xenofobia, machismo, etnocentrismo, intolerância à diferença etc., nos identificamos com Foucault, quando ele diz que a expressiva maioria das guerras do século XX — e eu me permito estendê-las para o século XXI — são guerras racistas. E, nesse caso, o sentido que se dá às guerras e a justificativa com que se pretende sustentá-las são mais da ordem da biologia e nem tanto da usurpação do território ou da submissão econômica.

Neste ponto, chegamos à biopolítica, um conceito da maior importância para isso tudo. Mas aí a discussão se alarga demais, fica longa e complexa demais. Tendo me centrado numa mirada basicamente foucaultiana, meu objetivo foi dar alguns elementos para compreendermos por que vivemos num presente em que a guerra — mais policial do que militar — está em toda parte e se transformou num imperativo planetário sem fim. Confesso que me sinto tentado em abrir essas discussões para novas frentes, mas por enquanto fico por aqui mesmo.

Referências

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. Brasília: UnB, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Le sujet et le pouvoir. In: _____. *Dits et écrits*, v. 4 (1980-1988). Paris: Gallimard, 2001. p. 222-243.

FOUCAULT, Michel. Poder e saber. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos. Vol. IV: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 222-240.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NEGRI, Antonio. *Cinco Lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

* Este texto foi escrito em novembro de 2014, por solicitação do Dr. Ivan Fetter, psicanalista em Porto Alegre, RS.

** **Alfredo Veiga-Neto** é Doutor em Educação, Professor Titular do Departamento de Ensino e Currículo e Professor Convocado Efetivo do PPG-Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. alfredoveiganeto@gmail.com